

O iate de cabotagem “Maria Eugénia”



Navegando à vela e motor, sob o comando de Mestre Anhanha (anos 1940)

Do arquipélago, ao longo dos anos fomos guardando memórias das ilhas e esquecendo o mar que as rodeia e liga. Sem mar não temos história. Foi navegando que aqui chegamos e navegando iniciamos o povoamento das ilhas. Do mar veio muito do sustento das nossas gentes. A pesca, a navegação local e a cabotagem, tinham por base uma enorme rede de pequenos portos, ancoradouros, calhaus mais ou menos abrigados que permitia ultrapassar dentro de cada ilha a deficiente rede viária, ao mesmo tempo que garantia as trocas com o exterior. Associada à pesca e à cabotagem florescia a construção naval espalhada um pouco por todas as ilhas, sendo que a construção dos barcos de maior porte se radicou, por diversas razões, na ilha do Pico.

De toda esta atividade apenas foi considerado como património a ser protegido a parte respeitante à atividade baleeira, nomeadamente os botes, as gasolinas e em alguns casos as casas dos botes e fábricas. O sucesso desta medida está à vista tanto através do Museu dos Baleeiros, como nas diversas regatas de botes baleeiros que acontecem ao longo do verão nas ilhas do grupo central, onde estas medidas foram mais efetivas.

De fora de qualquer proteção ficaram as outras atividades como a pesca, o transporte de passageiros e de carga e o respetivo património. Toda a musealização existente nas pescas se deve ao esforço de associações locais de pescadores. As sucessivas medidas de renovação da frota de pesca levaram à destruição, às vezes pelo corte por motosserra,

das embarcações de boca aberta e traineiras do passado, nada deixando como vestígio de séculos de atividade.

As lanchas do canal encontram-se varadas em adiantado estado de degradação, num caso ou noutro depois de tentativas de restauro. Falta um projeto agregador, uma estratégia que dê sentido à sua recuperação. No grupo oriental, os últimos barcos da cabotagem ainda envergando velas, foram os iates “Santo António” (alvo de uma tentativa de restauro mal sucedida) e “Senhora da Guia”, da família Parece e o iate “Maria Eugénia”.

O iate “Maria Eugénia” é uma das últimas peças da arquitetura naval açoriana. Foi construído nos Estaleiros de Santo Amaro, na ilha do Pico, pelo Construtor Mestre José Joaquim Alvernaz, nos anos 20 do Séc. XX, a partir de um projeto de Manuel Inácio Nunes, então já emigrado em Sausalito na Califórnia, para um armador Graciosoense. Destinou-se durante muitos anos à cabotagem entre as Ilhas do Arquipélago, a partir da Graciosa. Os relatos conhecidos mostram-no como um dos barcos mais seguros e velozes dos Açores, apenas ultrapassado pela chalupa “Helena”, de maiores dimensões. Foram estas características que o fizeram sobreviver até aos nossos dias.

Adquirido à Família Vasconcelos, da Graciosa, nos anos 40, por Manuel da Costa “Anhanha”, foi razoavelmente alterado de modo a comportar um motor e uma cabine para passageiros, continuando na cabotagem, então mais dedicada ao Grupo Orien-



CONCLUÍDA A CONSTRUÇÃO (STO AMARO DO PICO, ANOS 1920)



NA GRACIOSA, POR OCASIÃO DE UMA VOLTA À ILHA (ANOS 1920)



RECONSTRUÇÃO CONCLUÍDA (STO AMARO DO PICO, 2012)

tal. Com o declínio da atividade da cabotagem, acabou por ser vendido a uma Conserveira, que depois de grandes transformações, o destinou sucessivamente a atividades diversas, desde o transporte de atum para as fábricas, até ao transporte de mercadorias em várias rotas dentro do arquipélago. Nestas transformações aumentou a força da máquina, saiu a mastreação e as velas e alterou-se a linha de proa, elevando-a.

Terminaria esta fase numa amarração no porto de Ponta Delgada, sendo propriedade de uma instituição bancária em resultado de uma execução. Daí passou a terra, varado na rampa da doca. Chamado de lixo no canto da doca de Ponta Delgada, com direito a foto na última página por um jornal

A construção naval na ilha do Pico

De tal forma se enraizou na ilha do Pico a construção naval das embarcações de maior porte para as ilhas do Grupo Central que só fortes razões poderão justificar este fato e uma delas deverá ter a ver com a abundância e acesso fácil a madeira de grande qualidade.

Os estaleiros acabaram por se concentrar na parte norte da ilha, com destaque para Santo Amaro que foi acompanhando os novos tempos, com o momento mais alto na construção das traineiras da frota azul, na década de 80, do século XX.

Após esse momento histórico que muito dinamizou aquela comunidade, os trabalhos concentraram-se em restauros das lanchas da baleia e pouco mais, sendo que o restauro do iate Maria Eugénia representou uma tentativa de demonstrar a arte de bem construir em Santo Amaro. ♦

diário, fez então, pela segunda vez, crescer a vontade de o adquirir para uma nova vida.

Aqui entra a ADPMA, Associação para a Defesa do Património Marítimo dos Açores, fundada uns anos antes, propondo-se adquirir o barco junto da banca, a quem pertencia. Foi grande a mobilização e as colaborações financeiras que permitiram este primeiro passo. Seguiu-se um projeto no âmbito do Interreg III-B Macaronésia que nos juntou à Fundación Canaria Correillo “La Palma” e que viabilizou o restauro.

Do projeto inicial fazia parte o restauro ser em Santo Amaro, no Pico, como forma de dar visibilidade e reabilitar a construção naval naquela ilha. Para lá seguiu o “Maria Eugénia”. Temos o casco completamente acabado e, nas palavras dos grandes construtores de Santo Amaro do Pico, muito bem feito. Daqui em frente vamos dedicar-nos a uma nova fase, ou seja, torna-lo capaz de navegar e oferecer um barco-escola aos Açores. ♦

CARLOS BULHÃO PATO
 ADPMA
adpma@cabotagem.org

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
 Direção Regional da Cultura